



A IMPORTÂNCIA DA COSMOLOGIA DOS GUARANI E KAIOWÁ PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Jhersyka da Rosa Cleve

Universidade Federal de Sergipe (UFS)
jhersykacleve@hotmail.com

GT 3: Educação Ambiental e Diversidades

Resumo: Os saberes dos Guarani e Kaiowá abre caminhos para a compreensão da conservação ambiental, pois a forma como se relacionam com a natureza é algo que o não índio não aprendeu. A visão de mundo dos Guarani e Kaiowá é reproduzida pelas relações que envolvem a(s) sociedade(s) com a natureza. Estes sujeitos constroem laços simbólicos com o território com uma diversidade de espacialidades que possibilita a reprodução de diversos modos de viver. O universo dos povos Guarani e Kaiowá difere-se do homem não índio. E tal diferença, reflete nas concepções de desenvolvimento, pois tais sujeitos compreendem a natureza como uma extensão do seu ser. Para os povos indígenas quando falamos de natureza não é algo dissociado. Portanto, entendemos que os saberes dos povos Guarani e Kaiowá devem ser inseridos nas discussões no campo da Educação Ambiental, pois vivenciam em seu cotidiano uma relação de respeito com a natureza.

Palavras-chave: guarani e kaiowá; conservação ambiental; saberes

INTRODUÇÃO

Neste texto, pretende-se elencar algumas reflexões sobre a importância dos Guarani e Kaiowá para a Educação Ambiental. A visão de mundo dos Guarani e Kaiowá é reproduzida pelas relações que envolvem a(s) sociedade(s) com a natureza.

A cosmovisão do povo Guarani e Kaiowá é que a terra é uma extensão dos seus corpos e que tudo é vida. Nesse sentido, consideramos o pensamento de Krenak (2019, p. 10), para quem:

[...] fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza.

Ailton Krenak, aponta a importância da natureza para os povos indígenas, mostrando que não existe uma divisão, pois tudo é natureza. Dessa forma, o estudo parte de um pressuposto que considera que os saberes tradicionais e a relação com a natureza desses povos produzem territorialidades indígenas, que se caracterizam pela manutenção da vida como parte do meio ambiente.

O povo Guarani e Kaiowá possibilita abrir nossos olhares para outras relações com a natureza e o território. O presente texto é oriundo de um estudo que ainda está em andamento, trata-se de reflexões em minha caminhada e contato com este povo. É um pouco do quanto eu também tenho modificado as minhas práticas enquanto professora no caminhar da Educação Ambiental a partir desse contato.

SEÇÃO 1: QUEM SÃO OS GUARANI E KAIOWÁ?

Yy; awati; Yvy; Oky escolhi essas quatro palavras para iniciar esta seção, pois não dá para dizer quem são os Guarani e Kaiowá através de citações. Estou aprendendo que a melhor maneira é deixar meu coração falar e neste momento sinto a necessidade de apresentar o que tenho aprendido com este povo, no caso: dar valor as palavras em tupi – guarani.

O awati é muito bom, mas o awati verdadeiro é melhor ainda. Essa frase do awati verdadeiro ouvi uma vez em uma das minhas andanças, afinal, quem não gosta de milho? Mas o milho verdadeiro para os Guarani e Kaiowá tem significado, representa a vida, não é um mero produto para exportação. Yy é fonte de tudo, precisamos de água para sobreviver, é tão bom estar em uma cachoeira e em contato direto com esse ser tão importante.

Yvy é a terra e ela é a nossa mãe, pisar em uma terra molhada, sentir e

caminhar pela mesma é uma das melhores sensações, mas com a rotina da cidade, isso acaba tornando-se impossível, mas os saberes Guarani e Kaiowá mostram que é o karai que complica essas relações, pois é tão simples caminhar e respeitar a terra. Oky refere-se a chuva, a um grande espírito de chuva e você já deve ter escutado a expressão “o tempo está feio”, mas a chuva é vida, tomar um banho de chuva é uma alegria e durante a minha caminhada aprendo todos os dias que os seres da natureza fazem parte do nosso ser e estes são os Guarani e Kaiowá, povo que ensina.

Schaden (1974) salienta que os Guarani preferem se localizar em regiões florestais com matas fechadas, evitando permanecer em locais abertos para que atividades de caça e pesca possam ser desenvolvidas. As relações que esses sujeitos possuem com o território é caracterizada na ideia de *Tekohá*. A delimitação do *Tekohá* não ocorre a partir de limites criados pelo homem não índio, como por exemplo, as cercas. O *Tekohá* ocorre a partir de acidentes geográficos como morros, vales, rios e matas.

Para conceituar o significado da palavra *Tekohá*, utilizaremos a definição proposta por Almeida e Mura (2003) que exprimiram como:

Os Guaranis denominam os lugares que ocupam de tekoha, significando o lugar físico - terra, mato, campo, águas, animais, plantas, remédios, etc. - onde se realiza o teko, o “modo de ser”, o estado de vida guarani. O tekoha engloba a efetivação de relações sociais de grupos macro familiares que vivem e se relacionam em um espaço físico determinado. Idealmente este espaço deve incluir, necessariamente, o ka’aguy (mato), elemento apreciado e de grande importância na vida desses indígenas como fonte para coleta de alimentos, matéria-prima para construção de casas, produção de utensílios, lenha para fogo, remédios, etc. (ALMEIDA & MURA, 2003, apud Santana Junior, 2009).

Para Ladeira (2008), o *Tekohá*, apesar de possuir base territorial como condição para a reprodução dos indígenas, é necessário que possua elementos ambientais, culturais e religiosos.

Os trabalhos de Fabio Mura (2006), Rubem Tomaz de Almeida (2002) e Thiago Cavalcante (2013), permitem afirmar que tal palavra passa a ter importância em um momento de crise, no caso específico, da perda da terra. É no início da década de 1970 que os primeiros passos são dados pelos Guarani e Kaiowá pela recuperação dos seus territórios tradicionais.

Mota (2017, p.64) compreende o significado do Tekohá como: “resistência, uma resistência Guarani e Kaiowá que persistem em existir, que se rebelam para garantir seus direitos étnicos, suas formas de pensar e agir, seus direitos à vida, a continuarem a existir.”

Dessa forma, os Guarani e Kaiowá ensinam através do Tekohá a importância do pertencimento e sobretudo da relação íntima com a natureza. Algo que é difícil de ser abordado em sala de aula, pois o ser humano, ou melhor o não indígena já perdeu essa relação, visto que se vê como algo fora da natureza. Entretanto, a terra, pessoas, alimentos fazem parte de todo o conjunto na visão dos Guarani e Kaiowá.

Schaden (1974) salienta que os Guarani preferem se localizar em regiões florestais com matas fechadas, evitando permanecer em locais abertos para que atividades de caça e pesca possam ser desenvolvidas. As relações que esses sujeitos possuem com o território é caracterizada na ideia de *Tekohá*. A delimitação do *Tekohá* não ocorre a partir de limites criados pelo homem não índio, como por exemplo, as cercas. O *Tekohá* ocorre a partir de acidentes geográficos como morros, vales, rios e matas.

Assim sendo, percebe-se que o universo dos povos Guarani e Kaiowá difere-se do homem não índio. E tal diferença, reflete nas concepções de desenvolvimento, pois tais sujeitos compreendem a natureza como uma extensão do seu ser.

Dessa forma, a existência de grupos indígenas que mantêm relações harmoniosas com a natureza, possuem enorme potencial educativo que contribui para uma relação orgânica entre os seres que nessa terra habitam.

Entendemos que os não indígenas precisam compreender a natureza como parte de si e em outros caminhos. Necessitamos de um desenvolvimento social, que deve ser pautado na economia, no homem e na natureza. Ambos dialogando e caminhando juntos e de uma Educação Ambiental que dialogue com esses saberes.

Nesse sentido, os saberes dos povos Guarani e Kaiowá contribuem para uma nova história. Conforme salienta Mota (2017, p. 83):

O diálogo com os Guarani e Kaiowá tem permitido aprender e sermos afetados por suas histórias e formas de pensar e agir no mundo, que requer vivenciar e aprender com outras cosmovisões de mundo. Ainda, perceber como o olhar de formiguinha, o que os diferentes e diversos povos estão arquitetando na construção de outro mundo possível. (MOTA, 2017, p. 83).

Após essa breve contextualização, abordarei brevemente um pouco da cosmovisão do povo Guarani e Kaiowá.

SEÇÃO 2: “NÃO CONSIGO IMAGINAR A NATUREZA SEPARADA”

Uma vez ouvi de um indígena que não conseguia se separar da natureza, algo que para o não indígena é difícil de compreender. Compramos plantas, comemos nossos alimentos sem a menor conexão. Temos o tempo regrado, deixamos de ter uma liberdade a qual aqueles que estão em contato direto com a natureza entendem que nós os não indígenas estamos dando sempre utilidade a tudo. E a vida não é para ser útil, é preciso ter liberdade.

O olhar do povo Guarani e Kaiowá para o mundo é pautado a partir da liberdade. De acordo com Peralta (2017, p.10):

É importante compreender que para a cosmologia kaiowá, tudo é ESPIRITUAL, ou melhor, nossa concepção assume o ponto de partida que a terra tem alma. Assim como, a semente tem alma. Todas as criaturas do universo têm seu dono/protetor/criador. (PERALTA, 2017, p.10)

Nesse sentido, parto de um seguinte questionamento: Somente os professores com graduações devem abordar a Educação Ambiental?

É necessário trazermos para o debate outros saberes, pois a natureza é de todos e quando isso tudo acabar, o que vai restar? Conforme salienta David Kopenawa

A floresta está viva. Só vai morrer se os brancos insistirem em destruí-la. Se conseguirem, os rios vão desaparecer debaixo da terra, o chão vai se desfazer, as árvores vão murchar e as pedras vão rachar de calor. A terra ressecada ficará vazia e silenciosa (ALBERT, KOPENAWA, 2010, p. 06)

Quando Kopenawa enfatiza que a floresta está viva e em poucas palavras coloca o seu entendimento da maneira de relacionar-se com a natureza é algo que o não indígena em algumas situações não compreende. Nós não indígenas queremos exemplos, resultados, coisas palpáveis e muito claras. Contudo, para os povos indígenas a natureza é uma só, ela é o ar, a água que bebemos, a alface que comemos, o sol que bate em nossos rostos. A natureza é a relação com todos os seres e na perfeita

harmonia.

Nesse sentido, quando enfatizo o nome desta seção quero ressaltar que a natureza não é algo separado e que deve ser sempre mostrado de forma concreta. Os povos indígenas têm uma relação de proteção e pertencimento com a natureza. David afirma em muitos trechos da sua obra *A queda do céu* que os povos indígenas “amam a floresta e a querem tanto defender” (ALBERT, KOPENAWA, 2010, p. 468).

A luta do povo Guarani e Kaiowá é para não perder seus territórios e essa relação com o cosmo, pois a natureza para este povo em específico não precisa ser estabelecida através de um projeto.

Suas práticas se dão diariamente, como exemplo a maneira que descrevem seus lugares no mundo. Os Guarani e Kaiowá vieram para proteger esse mundo, são as flores da terra, um povo da natureza. Já dizia o Brô Mc's “sou da mata, sou selva, sou da terra, sou herdeiro.”

SEÇÃO 3: NHADE REKO: O MODO DE SER, VIVER E ENSINAR

Nhande Reko é como os Guarani compreendem aquilo que o homem não indígena compreende de cultura. É todo o modo de ser, viver e a forma como estes povos enxergam o mundo e se relacionam com a espiritualidade, torna-se impossível para o karaí (não indígena) compreender o Nhande Reko, pois somente vivendo é que se compreende. Conforme aponta Peralta (2017, p.04):

Para nós os Guarani e Kaiowa, principalmente os mais velhos, entendemos a roça não como um sofrimento, mas como lazer. É lá onde nasceu comida. É onde podemos ensinar os filhos o nosso modo de ser. Então, a roça é para nós um lazer e não um trabalho (no sentido de castigo que trabalho no conceito do ocidente tem). O que nos diferencia deste conceito do branco é que a roça, para nós é lazer, é felicidade. (PERALTA, 2017, p.04)

Utilizei a fala de Anastácio Peralta, pois ele é um indígena, ao qual traduz de forma simples o que é o Nhande Reko, optamos em colocar o nome dessa seção com essa palavra, em respeito aos saberes tradicionais e a todos os povos indígenas.

Sendo assim, o objetivo nas próximas linhas é expor brevemente sobre a importância desse modo de viver e suas contribuições para um diálogo com a Educação Ambiental.

Os saberes tradicionais não se restringem a apenas uma etnia, pois o Brasil é um país com diferentes povos indígenas, por esse motivo escolhemos a etnia Guarani e Kaiowá para contribuir na discussão desse diálogo.

A nação Guarani, é composta por diferentes povos ou etnias, divididos entre Nhandeva, Mbya e Kaiowá, os quais correspondem ao lado brasileiro, mas há também a presença dos povos guarani que habitam territórios localizados na Argentina, Bolívia e Paraguai. Em relação a etnia Guarani e Kaiowá, Brand (2005, p.01) aponta que:

[...] Entendem a natureza como algo vivo com quem se interage e se estabelece uma comunicação constante, apoiada numa visão cosmológica integradora. [...] Para os povos indígenas, a natureza, incluindo os animais e as plantas, o mundo sobrenatural e as sociedades humanas, interagem e se intercomunicam constantemente. (BRAND, 2005, p.01)

Dessa forma, estes sujeitos constroem laços simbólicos com o território com uma diversidade de espacialidades que possibilita a reprodução de diversos modos de viver. Esses laços simbólicos são contados pelos mais antigos, conforme apresenta Peralta (2017, p.07):

Contam os antigos que, quando Deus fez a terra, o sol, a lua, não tinha quem se admirasse da beleza que Deus fez, então ele mandou os Kaiowá e Guarani para admirar a beleza, a obra que Deus fez. Por isso nos chamou de *Yy Poty*, porque nós somos “Flores da Terra”. Admiradores da beleza e da obra que Deus fez. (PERALTA, 2017, p.07)

O olhar desses povos para o mundo é pautado a partir da liberdade, em Guarani podemos compreender a partir do Teko Jojá (vida em igualdade), uma maneira de conectar-se com o mundo que o não indígena não possui. De acordo com Peralta (2017, p.10):

É importante compreender que para a cosmologia kaiowá, tudo é ESPIRITUAL, ou melhor, nossa concepção assume o ponto de partida que a terra tem alma. Assim como, a semente tem alma. Todas as criaturas do universo têm seu dono/protetor/criador. (PERALTA, 2017, p.10)

Entendemos que os saberes tradicionais não devem estar a serviço do capital e não devem ser desconsiderados no meio acadêmico e nem das escolas, pois o caminho para uma melhor relação com a natureza deve ser pautado na cooperação, conforme aponta Krenak (2019, p. 44):

Somos alertados o tempo todo para as consequências dessas escolhas recentes que fizemos. E se pudermos dar atenção a alguma visão que escape a essa cegueira que estamos vivendo no mundo todo, talvez ela possa abrir nossa mente para alguma cooperação entre os povos, não para salvar os outros, para salvar a nós mesmos (KRENAK, 2019, p. 44).

Concordamos com Ailton Krenak, pois o seu pensamento reforça a necessidade de refletirmos que tipo de desenvolvimento queremos para o mundo. Esse debate não pode ser deixado de lado, desde 2020 tivemos muitas mortes causadas pela pandemia da COVID-19, que recolocaram no centro da discussão a sobrevivência humana.

Entretanto, as pessoas parecem estarem desconectadas com tudo ao seu redor, divorciadas da natureza e continuam a olhar apenas como fonte de recursos. A respeito da pandemia, Krenak (2020, p.06) salienta:

Assistimos uma tragédia de gente morrendo em diferentes lugares do planeta, a ponto de na Itália os corpos serem transportados para a incineração em caminhões. Essa dor talvez ajude as pessoas a responder se somos de fato uma humanidade. Nós nos acostumamos com essa ideia, que foi naturalizada, mas ninguém mais presta atenção no verdadeiro sentido do que é ser humano. (KRENAK, 2020, p. 06)

Afinal, o que é ser humano? É comprar carros, casas, frequentar shoppings?

A pandemia da COVID-19 revela que esse “normal” não está dando certo e que seremos convidados a nos retirarmos da terra. Por esse motivo, pensar outras formas de diálogo se faz necessário. Quando falamos sobre diálogos entre não indígenas e saberes tradicionais, estamos falando dessas relações, da cooperação entre seres. São esses grupos que se mantêm agarrados a terra, mostrando que existem outros caminhos.

A humanidade está levando a natureza para um caminho de desgaste a qual tem ficado insustentável, por esse motivo quando pensamos na construção desse texto foi

exatamente na tentativa de discutir que tipo de desenvolvimento queremos, afinal, quem está sendo ameaçado é o ser humano, conforme salienta Krenak (2020, p.07):

O vírus não mata pássaros, ursos, nenhum outro ser, apenas humanos. Quem está em pânico são os povos humanos e seu modo artificial, seu modo de funcionamento que entrou em crise. É terrível o que está acontecendo, mas a sociedade precisa entender que não somos o sal da terra. Temos que abandonar o antropocentrismo; há muita vida além da gente, não fazemos falta na biodiversidade. (KRENAK, 2020, p.07)

Certamente os saberes tradicionais que os povos indígenas possuem podem servir como um guia, não apenas para sobrevivermos, mas para pensarmos e buscarmos um novo tipo de desenvolvimento e “uma nova humanidade”. Entretanto, será que teremos vontade e capacidade de construir um desenvolvimento e uma humanidade que possui relação com a natureza?

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS

- ALBERT, B.; KOPENAWA, D. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2010.
- Almeida, R. F. T. De; Mura F. (2003). **Povos indígenas do Brasil: Guarani, Kaiowa e Nandeva. Instituto Sócioambiental**. 2003. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Guarani> Acesso: em 01 de outubro de 2018.
- BRAND, A. J.; SIQUEIRA, Eranir Martins de ; COLMAN, Rosa Sebastiana . Território e sustentabilidade entre os Kaiowá e Guarani no Mato Grosso do Sul. In: XXIII Simpósio Nacional de História, 2005, Londrina. **Anais do XXIII Simpósio Nacional de História**, 2005. p. 01-10.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para Adiar o Fim do Mundo**. Companhia das Letras. São Paulo, 2019.
- LADEIRA, M. I. **Espaço geográfico Guarani-Mbya: Significado, constituição e uso**. São Paulo: Edusp, 2008.

MOTA, JGB. **Os Guarani e Kaiowá e suas lutas pelo Tekoha**: Os acampamentos de retomadas e a conquista do Teko Porã (bem viver). Revista Nera (UNESP), v. n.39, p. 13-38-38, 2017.

PERALTA, Anastácio. A Agroecologia Kaiowá: tecnologia espiritual e bem viver, uma contribuição dos povos indígenas para a educação. **Revista MovimentAção**, Dourados, v. 4, n. 06, p.1-19, 2017.

SCHADEN, E. **Aspectos fundamentais da cultura Guaraní**. (3ª ed.) São Paulo: E.P.U./ EDUSP, 1974, 200 p.